
Crónica de onomástica paleo-hispânica (11)

ANTÓNIO MARQUES DE FARIA

R E S U M O

Continuamos a examinar, numa perspectiva crítica, alguns nomes próprios paleo-hispânicos, quase exclusivamente ibéricos, conhecidos de há muito, mas que têm sido objecto de reanálise nos últimos anos.

A B S T R A C T

In this article we keep on examining in a critical way some palaeo-Hispanic place and personal names which, despite the fact that they have been known for long, were studied in recent years.

anaiośar. Prato de campaniense. Ensérune (Nissan-lez-Ensérune, Hérault). *MLH* II B.1.36, .37. Jesús Rodríguez Ramos (2002-2003 [2005], p. 252) veio recentemente colocar em evidência as fragilidades da interpretação de **anaioś** como NP gaulês no plural, aventada por J. A. Correa (1993, p. 108). Em alternativa ao carácter inusitado de que uma tal hipótese se revestia, Rodríguez Ramos (2002-2003 [2005], p. 252) sustentou que **anaiośar** poderia configurar um NP ibérico, mas, apesar de, na mesma ocasião, ter reconhecido em **an** um formante onomástico ibérico bem documentado, só lhe ocorreu que se podia tratar de “un nombre íbero **aiunśar** con grafía algo heterodoxa”. Como é evidente, a conjectura formulada por Jesús Rodríguez Ramos assenta em duas opções completamente discricionárias: por um lado, a exclusão de **an**, difícil de justificar morfológicamente numa banal inscrição de propriedade, e, por outro, a transformação de **aiun** em **aio**. Trasladando a acusação que o próprio Rodríguez Ramos lançou à teoria formulada por Correa, “no deja de ser una explicación *ad hoc*”, que expõe cruamente, e uma vez mais, os estreitos limites de uma metodologia “científica” — inspiradora de AGERNO, **arsbikiskuekiar**, **arśkitar**, **balarbas* < Βλερυας, **nesel-tuko**, **otatiis**, SERGETON, TABBANTV, **sítubolai** e **urkailtu**, entre outras debilidades de relevância desigual (Faria, 2004a, p. 294-311) — que, ainda por cima, tem vindo a ser objecto de uma autocelebração *ad nauseam*. Infelizmente, porém, a maior pecha de Rodríguez Ramos não reside, nem de perto nem de longe, no contraste entre os erros cometidos e a irreprímível exteriorização de uma petulância sem limites. O principal problema de Jesús Rodríguez Ramos — que, a despeito dos insultos e das ameaças, não deixaremos de denunciar quando as circunstâncias assim o exigirem — acaba de ser alvo de um diagnóstico certo por parte de um observador insuspeito:

“L’auteur, dans cet article [Faria, 2004a], tient à rétablir la vérité sur des écrits publiés par un de ses collègues qui reprend la plupart de ses propres découvertes étymologiques sans en citer l’origine et ne se gêne pas,

en plus, de dire du mal de sa source fantôme. La communauté scientifique ne connaît hélas que trop ce genre de dérives : en les laissant faire, elle les encourage par son silence et se rend complice de ces actes. Il est vraiment temps de renverser les potentats de leurs trônes...” (Billy, 2004, p. 285)

Pela nossa parte, não nos restam grandes dúvidas de que **an** é parte integrante do sobredito NP, conquanto caiba a possibilidade de não constituir um elemento autónomo (v. *infra*).

A presteza com que Rodríguez Ramos se livrou do componente **an** no NP que nos ocupa dificilmente poderá ter outra explicação que não seja o facto de, até há bem poucos anos, o investigador em causa (Rodríguez Ramos, 2002, p. 204, 2002a [2003a], p. 24) se ter recusado a aceitar a existência de NNP ibéricos trimembres, não obstante as numerosas e insofismáveis provas em contrário por nós apresentadas na última década e meia (Faria, 1991a, p. 17-18, 1991b, p. 192, 1992-1993, p. 278, 1993, p. 157-158, 1994a, p. 42-43, n.º 112, 49-50, n.º 261, 1994b, p. 66, 67, 68, 1995a, p. 80, 81-82, 83-84, 1997, p. 106, 107, 1999, p. 154, 156, 2000a, p. 122-123, 129, 2002a, p. 121-122, 124, 125, 126-127, 128, 134, 135, 138, 2002b, p. 235, 239, 240). Conquanto ainda hoje evite render-se à evidência, Jesús Rodríguez Ramos (2002b [2003b], p. 266), ainda que munido de notável discrição, não resistiu a colocar, omitindo a bibliografia concernente, **neseltuko** (*sic*) (Faria, 1991a, p. 17-18, 1994a, p. 49-50, n.º 261, 1994b, p. 67, 1995a, p. 83-84, 1997, p. 106, 2000a, p. 123, 2002a, p. 135, 2003a, p. 215) e [O?][LSAILACOS (*HEp*, 5, 31; Faria, 2003a, p. 215), dois dos casos de trimembres por nós assinalados, numa lista de NNP ibéricos por ele confeccionada, da qual também fez parte **aituatibor** (Rodríguez Ramos (2002b [2003b], p. 253) (transliteração que consideramos errada, por **aiCaadibur**: Faria, 1991b, p. 188, 2004a, p. 294). Seja como for, nada impede que Rodríguez Ramos persista na sua posição de princípio (salvaguardando os casos excepcionais por ele “descobertos”), mas deveria ao menos tentar encontrar uma justificação para a supressão dos primeiros (ou dos últimos) signos dos NNP ibéricos que lhe pareçam excessivamente extensos. Se não procedeu assim com **anaiošar**, duvidamos de que o venha a fazer com todos e cada um dos NNP trimembres que aqui arrolamos: **abařscubor** (Faria, 1994b, p. 66, 2002a, p. 135, 2003a, p. 215), **abelCirdican** (Faria, 1994b, p. 66, 1997, p. 106, 2000a, p. 122, 2003a, p. 215), **abuloraun** (Faria, 1992-1993, p. 278, 1993a, p. 157-158, 1994b, p. 68, 2000a, p. 122-123, 2002a, p. 121-122, 2003a, p. 215, 2004a, p. 302), **adinbobeš** (Faria, 2000a, p. 122, 2002a, p. 127, 2003a, p. 215), **aiunicarbir** (Faria, 1997, p. 106, 2000a, p. 122, 2003a, p. 215, 2004a, p. 277), **alabuldun** (Faria, 1990-1991, p. 82, 1992-1993, p. 278, 2000b, p. 62, 2004a, p. 302), ARANCISIS (gen.) (Faria, 2004a, p. 302), **aršboildir** (Faria, 2002a, p. 127, 2003a, p. 215), **arřcubor** (Faria, 1997, p. 106, 2002a, p. 135, 2003a, p. 215), **bartildun** (Faria, 1997, p. 107, 2002a, p. 124, 2003a, p. 215), **basibalcarYbar** (F.14.1), BASTOGAVNINI (dat.) (Faria, 2002b, p. 240), [B]ELSADINICOR (Faria, 1995a, p. 80, 1997, p. 106, 2000a, p. 122, 2003a, p. 215, 2004a, p. 296), **bešošturin** (Faria, 1999, p. 154, 2003a, p. 215, 2004a, p. 305), **betešcongili** (Faria, 2002a, p. 134), **bilosleistiger** (Faria, 1994b, p. 67, 1997, p. 106, 2000a, p. 122, 2003a, p. 215, 2004a, p. 296), **biurtilaur** (Faria, 1997, p. 106, 107, 2000a, p. 122, 2003a, p. 215), **borbelior** (Faria, 1994b, p. 67, 1997, p. 106, 2000a, p. 122, 2003a, p. 215), **bosberium** (Faria, 2002a, p. 125, 2003a, p. 215), **Cařsuritu** (Faria, 1991a, p. 17-18, 1994a, p. 42-43, n.º 112, 1995a, p. 81, 1997, p. 106, 2000a, p. 122, 2003a, p. 215), **cobesir** (Faria, 1997, p. 107, 2000a, p. 122, 2003a, p. 215), **culebober** (Faria, 2002a, p. 127, 2003a, p. 215), **eiarřcidita[|]s** (Faria, 2002a, p. 128, 2003a, p. 215, 2004a, p. 306), **eiCesebiur** (Faria, 2002a, p. 128, 2003a, p. 215, 2004a, p. 306), ELANDORIAN (Faria, 1991b, p. 190, 1994b, p. 67, 1995a, p. 82, 1998a, p. 234, 2004a, p. 306), **garesbobigir** (Faria, 1994b, p. 67, 1997, p. 106, 2000a, p. 122, 2002a, p. 126-127, 2003a, p. 215, 2004a, p. 285), GESELANDEN (Faria, 1995a, p. 81-82, 1997, p. 106, 2000a, p. 123, 2003a, p. 215, 2004a, p. 306), LESVRIDANTARIS (gen.) (Faria, 1997, p. 106, 2000a, p. 122, 2003a, p. 215, 2004a, p. 308), LVNT[|]BELSAR (Faria, 1997, p. 108, 2003a, p. 215, 2003a, p. 321), **lacereiartur** (Faria, 1992-1993, p. 278, 2002a, p. 128, 2002b,

p. 235, 2003a, p. 215, 2004a, p. 298), **neselducu** (Faria, 1991a, p. 17-18, 1994a, p. 49-50, n.º 261, 1994b, p. 67, 1995a, p. 83-84, 1997, p. 106, 2000a, p. 123, 2002a, p. 135, 2003a, p. 215), [O?]LSAILACOS (*HEp*, 5, 31; Faria, 2003a, p. 215), **šaliunibařs** (Faria, 2002a, p. 239, 2003a, p. 215, 2004a, p. 309), **[s]elgiberšar** (Faria, 1999, p. 156, 2003a, p. 215), **selgisosincas** (Faria, 1991b, p. 190, 192, 2002a, p. 128), **sinecunsir** (Faria, 1997, p. 106, 2000a, p. 123, 2003a, p. 215), SIR[A]STEIVN (Faria, 1997, p. 106, 2000a, p. 129, 2003a, p. 215), **talscubilos** (Faria, 2002a, p. 128, 135, 2003a, p. 215), THVRSCANDO (Faria, 1997, p. 106, 2000a, p. 123, 2003a, p. 215), **uštalařilun** (Faria, 1994b, p. 68, 1997, p. 106, 2000a, p. 123, 2003a, p. 215, 2004a, p. 311) e **uštanařsu** (Faria, 2002a, p. 138, 2003a, p. 215). É provável que os progressos no estudo da morfologia nominal ibérica venham a ditar a inclusão de alguns destes quarenta NNP entre os bitemáticos, tal como vem defendendo Rodríguez Ramos, mas sempre sobrarão os suficientes para demonstrar a existência de trimembres.

Cumprindo a tradição, Jesús Rodríguez Ramos “esqueceu-se” de declarar que o componente **šar** foi por nós individualizado pela primeira vez, mais precisamente no NP **ildiršar** (Solier, 1979, p. 82, 84, 85) (Faria, 1990-1991, p. 85, 1991b, p. 190, 1994b, p. 67, 1997, p. 111, 2002a, p. 127). Convém referir que **šar** não figura na lista de elementos onomásticos elaborada por Jesús Rodríguez Ramos e recolhida num apêndice (n.º 1, p. 53-54) ao seu *Breve manual de epigrafia ibérica*. Tal apêndice foi considerado “bastante completo” pelo autor (Rodríguez Ramos, 1995, p. 15).

No caso de **anaiošar** se incluir na antroponímia ibérica, há pelo menos uma outra análise que reputamos preferível à que, com bastantes reservas, foi contemplada por Rodríguez Ramos, baseada, como acabámos de ver, na arbitrária ablação de **an** e na não menos discricionária consideração de **aio** como variante de **aiun**. Trata-se da segmentação de **anaiošar** em **anai-ošar**, que nem sequer põe em risco o supramencionado preconceito de Rodríguez Ramos contra a existência de NNP ibéricos tricompostos. Além de ocorrer em grande abundância na onomástica basca medieval (Michelena, 1997⁵, p. 46-47, n.º 48), **anai** parece surgir acompanhado do sufixo **-e**, com presumível função de dativo (Michelena, 1954/1985, p. 421; Gorrochategui, 1984a, p. 326, 373, 1984b, p. 263-264; Silgo, 1992, p. 772-773, 1994, p. 151; Pérez Orozco, 1993, p. 222; Trask, 1997, p. 402; Faria, 1997, p. 106, 1999, p. 154, 155, 2000a, p. 122, 2002a, p. 131; Tolosa Leal, 2000, p. 144), na inscrição rupestre de Guils 1 (Campmajó e Untermann, 1993, p. 517; Silgo, 1994, p. 37). Cremos, por outro lado, que é em **ošar** que deverá ser procurada a origem do NP basco medieval *Ocharr/Ocarra/Oxarra/Ossarra*, documentado a partir do século XI (Michelena, 1997⁵, p. 144, n.º 511). Bem menos provável, mas não impossível, é a comparação de **ošar** em **tološar** (ou **tološar**?) (Faria, 2003a, p. 222-223), dada a reconhecida profusão de exemplos do segmento onomástico **tolo** (Untermann, *MLH* III 1, p. 236, 1996, p. 160; Faria, 1995a, p. 83, 1997, p. 111, 2003a, p. 222-223).

O NP em questão também é passível de ser decomposto em **ana-io-šar**, não sendo desprezível a quantidade de testemunhos de **ana**/*Ana* na antroponímia ibérica, aquitana e basca medieval, recolhidos por Luis Silgo (1994, p. 37), que, no entanto, omitiu HANNA, HANNABI, HANNAC e HANNAS (Gorrochategui, 1984a, p. 216-217, n.ºs 200-204). Por sua vez, **io** pode recobrir o segmento onomástico **ior**, cuja vibrante se assimilaria naturalmente à sibilante seguinte.

Em face de alguns paralelos acima apontados, tão-pouco seria de excluir uma análise em **ana-i-ošar**, mediante a inserção de semivogal epentética com vista à dissolução do hiato vocálico, atendendo à circunstância de a sequência **-ao-** ser nula ou raríssima na documentação ibérica, mesmo em juntura de morfemas.

ARANCISIS (gen.). Estela de cabeceira. Vizmanos (Sória). *HEp* 3, 363.

Considerado indo-europeu tanto por F. Villar (2005, p. 500) como por J. M.^a Vallejo Ruiz (2005, p. 637), o presente NP, que reputamos ibérico, deverá remeter para o nom. **Arancises*, seg-

mentável em **aran-cis-(s)es*, **aran-ci-ses* ou em **aran-cis-es* (Faria, 2004a, p. 302). Não é, pois, possível continuar a sustentar que ARANCISIS constitua uma latinização (em genitivo) de **arancís* (Faria, 1994b, p. 69, 1998a, p. 235).

■ Ἀστόλπαν (ac.). Diod. 33.7.4.

É nossa convicção que Vallejo Ruiz (2005, p. 188) acertou na atribuição de **Ἀστόλπας* à antroponímia ibérica (Faria, 1990-1991, p. 83, 1991b, p. 190), mas, na sequência de Palomar Lapesa (1957, p. 43-44) e de Albertos (1966, p. 38), ter-se-á equivocado na busca de *comparanda*. Efectivamente, nem os NNP BILVSTIBAS e VMARGIBAS nem os NNL *Astapa*, *Astigi* e *Asta* constituem, a nosso ver, os melhores paralelos para **Ἀστόλπας*, que continuamos a segmentar em **Ἀστόλ-πας* < **ástol-bas* (Faria, 1994b, p. 66). Convém a este propósito recordar que María Lourdes Albertos (1966, p. 262) se atreveu, numa mesma página, a segmentar o presente NP simultaneamente em *Ast-olpas* e em *Astol-pas*. Já Palomar Lapesa (1957, p. 43) havia trazido à colação aqueles nomes próprios, a par de outros que tão-pouco possuem qualquer pertinência na comparação com o que nos ocupa. Se os NNP ibéricos que incluem **bas** são abundantes — **[a?]dinbas** (MLH III 1, p. 215), **basbin** (Solier, 1979, p. 81; Faria, 1990-1991, p. 83, 1991b, p. 190, 1994a, p. 67; Velaza, 1991, p. 49, n.º 138), Βασπεδ[--] (Velaza, 1992, p. 266-267; Correa, 1992, p. 266), **bastartin** (MLH III 1, p. 214), **bastibilos** (Faria, 1994b, p. 67), **bastubar** (Rodríguez Ramos, 2002b [2003b], p. 257), **belesbas** (MLH III 1, p. 215), **bilosbas** (MLH III 1, p. 215), **elerbas** (MLH III 1, p. 215), Ελερυας (Faria, 1994b, p. 69, 1998a, p. 234, 2000a, p. 131, 2001a, p. 99-100, 2004a, p. 292), [N]αυαρυας (Faria, 1991a, p. 18, 1998b, p. 229, 2000a, p. 131), **sacarbas** (MLH III 1, p. 215; Faria, 1990-1991, p. 78, 87), SALPA (abl.) (Faria, 1994a, p. 53, n.º 328, 1994b, p. 70, 1995b, p. 328, 1996, p. 171, 2002a, p. 129), TEITABAS (MLH III 1, p. 215), TVRIBAS (MLH III 1, p. 215), não há um só que documente sem margem para dúvidas o componente inicial, se bem que não possamos descartar *a priori* a eventualidade de ser este o caso de **oroicastor** < **oro-ic-astor* (Faria, 1990-1991, p. 87, 2004a, p. 308), que testemunharia igualmente o elemento **oro**, constante de **orotis** (F.13.3) e de **orosi** (CNH 227:1-2) (Silgo, 1994, p. 219) e identificado na onomástica paleo-basca e basca medieval (Michelena, 1997⁵, p. 141-142, n.ºs 500-501; Gorrochategui, 1984a, p. 249, n.º 276, 331, n.º 543).

Rodríguez Ramos (2005, p. 161) — em artigo que, fiel ao inconfundível estilo do autor, nada acrescenta nem ao prestígio da revista que o publicou (a *Faventia*, dirigida nesta infausta conjuntura pelo professor Agustí Alemany i Vilamajó) nem ao das eminentes personalidades (membros do *Consell de redacció*, do *Consell assessor* e *censors*) que o caucionaram —, aparentando ignorar que, a propósito de **Ἀστόλπας*, citámos o livro de Palomar Lapesa (1957) em três ocasiões distintas (Faria, 1990-1991, p. 83, 1991b, p. 190, 1994b, p. 66), rejeitou liminarmente a possibilidade de o NP aqui examinado ter pertencido à onomástica ibérica, ao admitir, a partir da comparação com Ἀννίβας/Ἀννίβων (ac.), helenização de *Annibal*, que o NP subjacente a **Ἀστόλπας* terminava em lateral, e não em sibilante. Não chegámos a compreender se Rodríguez Ramos quis fazer crer, através da dita aproximação antroponímica, que **Ἀστόλπας* constitui a helenização de um NP fenício-púnico.

■ BAILO. Moedas. *Bailo* (Bolonía, Cádiz). CNH 124:1-6.

A remissão deste NL latinizado para ib. **bai-(i)ldun* foi por nós proposta há vários anos (Faria, 2000b, p. 61) num artigo que foi omitido por Santiago Pérez Orozco (2005, p. 196).

Cafsuritu. Moedas. *Obulco*. CNH 343:15-16.

Sem enveredarmos pela análise deste NP, evidentemente tributária da respectiva adscrição linguística, deixamos aqui, para informação de quem a parece desconhecer — é o caso de B. Prósper (2005, p. 203 e n. 108) —, uma lista de trabalhos que veicularam a transliteração em apreço: *MLH* III 1, p. 190; Faria, 1990-1991, p. 74, 81, 1991a, p. 17-18, 1991b, p. 190, 1994a, p. 42-43, n.º 112, 1994b, p. 67, 1994c, p. 123, 1995a, p. 80, 81, 1995b, p. 326, 1996, p. 158, 1997, p. 106, 1998a, p. 236, 1998b, p. 230, 1998d, p. 249, 2000a, p. 122, 130, 2001a, p. 99, 2002a, p. 127, 2003a, p. 213, 215.

iaunildirten. Fragmento de grafito em abrigo rupestre. Cova dels Moros (El Cogul, Garrigues, Lérida). *MLH* III 2 D.8.1.

Na nossa penúltima crónica (Faria, 2005a, p. 164-165), tentámos alertar para os riscos decorrentes da formulação de conjecturas baseadas em documentos de leitura problemática. É o caso do segmento inicial da inscrição rupestre em questão, que, nas últimas três décadas, mereceu pelo menos outras tantas transliterações: **alaunildirte** (Untermann, 1976, p. 132 e n. 61, *MLH* III 1, p. 188, *MLH* III 2, p. 168, 2002, p. 101, 102), **aiunildirten** (Silgo, 1994, p. 34, 1998-1999, p. 16) e **alaunikatirte** (De Hoz, 2002a, p. 163, n. 18). Jaime Siles (1985, p. 50, n.º 114) retomou a leitura professada por Untermann, mas não fechou a porta a **anaunildirten**. Se **alaunildirten** constitui a transliteração mais atractiva das três, atendendo às especulações a que tem dado azo, designadamente as que a têm envolvido no debate acerca da representação de NNL na epigrafia ibérica (excluindo as moedas) (Untermann, 1976, p. 132 e n. 61, *MLH* III 1, p. 188, *MLH* III 2, p. 168, 2002, p. 101-103, 2002, p. 6; Pérez Almoguera, 2001, p. 24-27; Orduña Aznar, 2003 [2004], p. 137-139), não nos parece lícito o uso de semelhante condição com o propósito de lhe atribuir maior verosimilhança numa comparação com as duas restantes. Aliás, com base nas fotografias reproduzidas nos *MLH* III, vimos nesta oportunidade sugerir duas novas transliterações para a mesma sequência de signos. A primeira consiste em **acaunildirten**, cotejável com **acaildirteger** (G.16.1) (Faria, 1991b, p. 188), transliteração que possibilita a individualização de um NP, **auildir**. **iaunildirten** configura a outra transliteração que aqui aventamos. Há, no entanto, fortes probabilidades de se poder interpretar o alegado primeiro signo como um mero traço vertical, de largura invulgar, desprovido, por conseguinte, de qualquer conteúdo fonético, não sendo certamente por casualidade que o mesmo não foi incluído nas reproduções gráficas das diversas inscrições ibéricas e latinas do Abrigo de El Cogul ultimamente publicadas (*IRC* II, p. 88, pl. XLIV, *IRC* V, fig. 3). Se for esta a exegese adequada, **iaunildir** corresponderá a um NP cujo primeiro componente conformaria a base de *Iavninc(o)/Iavninc(a)* (Faria, 2002a, p. 131-132).

A exclusão do signo inicial, de problemática existência, leva-nos também a alvitrar, ainda que sem grande convicção, a admissibilidade de **launildirten** como transliteração correcta. Independentemente da sua verdadeira leitura — e a de Untermann não é, na nossa perspectiva, a mais plausível —, considerando a raridade da ocorrência de NNL e NNE em grafitos, são muito maiores as hipóteses de estarmos na presença de um NP. De resto, tanto a posição em que este nome figura na frase como o contexto parcialmente votivo em que se insere reforçam de algum modo esta nossa suspeita.

ibušcetin. Cerâmica. Ensérune (Nissan-les-Ensérune, Hérault). *MLH* II B.1.270, .271.

Nunca será demais assinalar que coube a José António Correa (1992, p. 262) corrigir as transliterações que Untermann (*MLH* II, p. 237-238) tinha aduzido para esta sequência, na qual identificámos um NP ibérico bímembre: **ibuš-cetin** (Faria, 1995b, p. 327).

Na eventualidade, que consideramos altamente provável, de o primeiro elemento de **ibušcetin** conformar a base onomástica detectada em *Ipizcua*, *Ippuzka*, *Ipuça*, *Ipuçcha*, *Ipuza*, *Ipuzcoa*, *Ipuzcua*,

Ipuzcuam, Pusico, Ybustea, Ybusti, Ybusty, Ypuça e Ypuza, comparecendo outrossim no composto *Ypuz-teguia* (Michelena, 1997⁵, p. 95, n.º 280; Orpustan, 1999, p. 100, 325, 326; Peterson, 2004, p. 598), torna-se impossível sustentar para aquelas formas bascas medievais, maioritariamente toponímicas, a aférese de oclusiva velar sonora, devendo as mesmas, pelo contrário, testemunhar uma fase prévia à prótese consonântica observável em *Gipuzari, Gipuzauri, Guipuscua, etc.* (Orpustan, 1999, p. 100; *contra*, Peterson, 2004, p. 604-605, 607). Apesar dos pareceres emitidos em sentido diverso (Siles, 1985, p. 235, n.º 999; Nieto Ballester, 1997, p. 184; Coromines, 1995, p. 405-407; Galmés de Fuentes, 2000, p. 188), deve ser este mesmo fenómeno que se documenta na passagem de **iešo** a Guissona.

***Ilubaria** < ILVBARIENSIA. Ara funerária. *Mentesa Bastitanorum* (La Guardia, Jaén). *CIL* II²/5, 11.

A comparação com os NNE ILLVERSENSIS (TSall) / ILVRSENSES (Plin. *nat.* 3.24) < ***ildu-bersa**/***ildu-belse** e ILORCITANI (Plin. *nat.* 3.25) < ***ildurci** < ***ild(u)urci** < **urcescen** < ***urci** (Faria, 1995b, p. 324-325, 2000a, p. 134) faz-nos crer que a *origo* de B[A]EBIA FAVSTIANA (na leitura de Alicia Canto) deverá ser *Baria* (Villaricos, Almeria) (*TIR* J-30, p. 104-105), de preferência a considerá-la proveniente de ***Ilu(m)beri(s)** (Tovar, 1989, p. 152; Canto *ad HEp* 2, 431; Pérez Almoguera, 2001, p. 35), de *Iliberri* (Silgo, 1998-1999, p. 21) ou de uma cidade por localizar, improvavelmente designada por ***Ilubaris** (*CILA* 6, p. 327). Também F. Beltrán Lloris (2000, p. 637) não atribuiu a ***Ilubaria** uma localização precisa, limitando-se a sugerir a sua inclusão no *conuentus Astigitanus*. Talvez não seja por acaso que *Baria* surge nas fontes quase sempre associada aos termos *oppidum* e *πόλις* (*TIR* J-30, p. 104-105), presumíveis traduções (latina e grega, respectivamente) de **ib. ildun/ildur/ildir**.

Ainda a propósito de>NNL ibéricos que contêm **ildun, ildur** ou **ildir** como primeiro componente, não é fácil aceitar a validade da hipótese segundo a qual **ToCoiTos** (BB I) e **ilduCoiTe** (*CNH* 225:1-3) são designações reportáveis a uma mesma cidade (Villar e Jordán, 2001, p. 138-139; Jordán, 2004, p. 331, 2004 [2005], p. 294), a menos que **ilduCoiTe** — à luz do que se conhece da morfologia ibérica, nunca segmentável em **il-duCoiTe** — consista numa haplogia de ***ildu(To)CoiTe**. Ao arripio do que declarou Jordán (2004, p. 331) na senda de Villar (2000, p. 126, 194, 195, 227, 2005, p. 460-462), não há nenhuma prova, nem sequer o mais pequeno indício (Faria, 2000a, p. 134), de que “la palabra ibérica para ‘ciudad’ es **il-**”. Ainda divergindo de Jordán Cólera (2004, p. 331, n. 278), não nos lembramos de que esta ideia tenha algum dia sido advogada por Jürgen Untermann, sendo certo que a mesma se encontra ausente quer dos *MLHI* 1 (p. 208) (*contra*, Jordán, 2004, p. 331, n. 278) quer dos *MLHIII* 1 (p. 187-189), local em que Untermann discutiu o(s) significado(s) a atribuir a **ildir, ildun** e **ildur**.

Decorre do exposto a impossibilidade de aceitarmos a análise de ***Ilubaria** em *Ilubaria* (Villar, 2000, p. 122, 125, 127, 153).

ildurir/ildurber. Moedas. ***ilduberir/ildurber** (Granada). *CNH* 357:2-13.

Sem embargo das dificuldades que colocou Correa (2004 [2005], p. 18, n. 21) à admissão de abreviações *per compendium* nos sistemas semi-silábicos ibéricos, até há pouco tempo não vislumbrávamos nenhuma razão susceptível de nos induzir a alterar a nossa perspectiva sobre esta legenda toponímica, que assentava na convicção de que **ildurir** consiste no NL ibérico ***ilduberir** abreviado por contracção (Faria, 1991a, p. 17, 1995a, p. 82, 1997, p. 110, 2000a, p. 133-134, 2003a, p. 222). Embora não se trate, de modo nenhum, de uma interpretação incontestável, é, em todo o caso, preferível à sugestão formulada por Correa (1994, p. 337 e n. 20, p. 338), assente na metamorfose de um claríssimo <**Tu**> em <**bi**>, com subsequente segmentação da legenda monetária por ele lida como **ilbirir** em **il-birir**, e ulterior recurso a uma vogal anaptítica /i/ em latim como justificação para a passagem de **ib. ilbirir** a lat. ILIBER(R)I(S) (v., igualmente, De Hoz, 1980, p. 304-305, 313, 1989, p. 556; Arteaga e Correa, 1994, p. 52; Arévalo González, 1998, p. 205).

Contudo, temos de confessar que os alicerces em que a nossa interpretação se apoiava ficaram de algum modo abalados pela recente transliteração alvitrada por Santiago Pérez Orozco (2005, p. 195). Consiste a dita transliteração em **ildurber**, que se funda na interpretação do quarto signo da legenda mais completa (porque, adiante vê-lo-emos, há outra mais reduzida) como <be>, em detrimento da interpretação como <i>, até hoje indisputada.

Atentemos nos motivos que poderão ser invocados em abono da transliteração **ildurber**:

1. A nítida preocupação da parte dos responsáveis pela cunhagem de um número reduzido, conquanto não negligenciável, de asses, congregados por Tadea Fuentes Vázquez (2002, p. 287-289) nos Grupos 3.1. e 3.2., em estabelecer uma clara distinção entre o primeiro e o quinto signos da legenda neles gravada, perceptível na utilização como primeiro signo de um <i> (notoriamente mal desenhado por T. Fuentes, 2002, p. 279) próprio do semi-silabário levantino, correspondente à variante <i> 4 de Untermann (*MLHIII* 1, p. 246, Tabelle 2). Sem prejuízo da sua ocorrência noutros exemplares (ao arrepio da opinião de Fuentes, não parece ser este o caso do que leva o n.º 89), o visionamento do CD-ROM que acompanha a monografia de Tadea Fuentes permitiu-nos detectá-lo claramente no início das legendas reproduzidas nos asses com os n.ºs 87, 106-114, 116, 119, 120, 122, 124, 136, 140, 143, 177 e 328. Muito embora Ripollès (2003) tenha incorrido em tal equívoco ao catalogar a moeda *SNG Stockholm* 348 (= Fuentes 107), este signo não é passível de ser confundido com o que surge posicionado em quinto lugar, e não em quarto (Pérez Orozco, 2005, p. 195), e que exhibe um traçado inequivocamente ortogonal, com presença assídua nas produções da ceca em apreço, tanto na primeira posição (lobrigámo-lo em 77 exemplares) como na quinta (visível em 87 exemplares). Contrariando a perspectiva de Fuentes (2002, p. 285), a variante <i> 4 está, por exemplo, ausente do início da legenda constante do exemplar n.º 57, que Ripollès (2005, p. 137, n.º 778) julgou ser o n.º 54. Todavia, também este numismata se equivocou, porquanto o desenho do quinto signo reproduzido na catalogação da referida moeda (Ripollès, 2005, p. 137, n.º 778) não tem qualquer correspondência com a verdadeira configuração do mesmo, que remete para a variante <i> 3 (*MLHIII* 1, p. 246, Tabelle 2), equivalendo aquele à variante <i> 2 (*MLHIII* 1, p. 246, Tabelle 2), que julgamos ser completamente desconhecida na numária que nos ocupa. A variante <i> 3 surge a ocupar idêntica colocação em pelo menos treze exemplares arrolados por Tadea Fuentes, sendo 45 os numismatas em que detectámos a dita variante na posição inicial.

2. O cotejo com o signo meridional maioritariamente usado para <be>, que permite que se encare o “<i> ortogonal” como alógrafo daquele (Pérez Orozco, 2005, p. 195), não podendo, tão-pouco, ser banida do debate sobre este tema a forma e, sobretudo, a orientação evidenciada por outra variante de <be>, que ocorre no chumbo de Gádor, no NP **tibeStar** (transliteração que erradamente temos vindo a preterir em favor de **tibeStar** ou **tibeStar**) (Faria, 1995b, p. 328, 1998a, p. 234, 235, 2000a, p. 140, 2004a, p. 292).

3. A transliteração da legenda (abreviada) 5.2 (Fuentes Vázquez, 2002, p. 279), mais ajustada às reservas patenteadas por Correa (2004 [2005], p. 18, n. 21) sobre a ocorrência de abreviações *per compendium* na escrita ibérica, como **ildube**, em prejuízo de **ildui** (*CNH358:13*) < *ildu(ber)î?, enquanto testemunho da não-representação gráfica da vibrante (por assimilação?) antes da oclusiva bilabial. Esta legenda, que só conseguimos descortinar na moeda n.º 424 da monografia de Fuentes, terá sido gravada na que parece constituir a mais tardia das emissões em caracteres ibéricos, imediatamente anterior às produções com o mesmo NL em escrita latina,

de idêntica tipologia. A elisão de vibrante ante oclusiva bilabial (naturalmente sonora) em limite de composto, a despeito de não consistir num fenómeno sistemático e regular, parece conhecer diversos paralelos na epigrafia ibérica (Untermann, *MLH* III 1, p. 154 e n. 33, 192, e n. 203; Quintanilla, 1998, p. 169 e n. 10, 229, 233, n. 40; Silgo, 1998-1999, p. 39-40), entre os quais nos permitimos salientar, por ter passado despercebido aos três iberistas citados, **uisebartas** (G.13.1) (Michelena, 1979, p. 31; Faria, 1991b, p. 189, 190, 1994b, p. 68, 1998a, p. 232, 233, 237, 2000, p. 149, 2002a, p. 129, 2002b, p. 241), NP cujo primeiro elemento deve ser o mesmo que termina em vibrante em VISERADIN (*MLH* III 1, p. 236).

4. A conveniência em interpretar **ildurber** e **ildube** como abreviações de **ildurberi*, à luz das já mencionadas reticências expressas pelo professor Correa (2004 [2005], p. 18) acerca da admissibilidade das abreviações *per compendium* em sistemas semi-silábicos. A abordagem em referência, não obstante, descurou casos como o de **labeis(ildun)ir** (F.21.1) (Faria, 1997, p. 110) e o de **sten(ion)tis** (F.17.1) (Faria, 1997, p. 110). De preferência a um NL (Untermann, *MLH* III 2, p. 535, 2002, p. 103; Moret, 1996, p. 20-21), **labeisildunir**, segmentável em **labei-s-ildun-ir**, deverá constituir um NE (*Labitanus/Labitani?*) pertencente a um paradigma caracterizado pela ocorrência do formante étnico **-s-**, que tem sido objecto de discussão nos últimos anos (Pérez Orozco, 1993, p. 225-227; De Hoz, 2002a, 2002b; Faria, 2002b, p. 234, 2003b, p. 319, 2005a, p. 164-165, 168-169), apesar de já vir referenciado por Schuchardt (1907, p. 35-37, 55-57), de permissão com teorias hoje indefensáveis.

5. A reprodução fiel do segmento final de **ildurber** na legenda latina ILIBER, que Fuentes (2002, p. 308-310) logrou identificar em cerca de 80 exemplares com os quais formou o Grupo 10. Se a legenda indígena não tiver sido abreviada, é razoável pensar que a supracitada inscrição latina também não o terá sido, pelo que ambas poderão testemunhar uma fase prévia à introdução do sufixo adjectival (e participial) *-i*, estudado particularmente por Lakarra (1995, p. 195).

6. A pertinência da comparação de **ildurber** com os NNP ibéricos que, provável ou seguramente, ostentam **ber** na sua composição: **anYber** (Faria, 1991b, p. 191, 2004a, p. 277), **ataber** (Faria, 1991b, p. 190, 191, 1994b, p. 66, 1998c, p. 270, 2004a, p. 278), **berbai** (Faria, 2002a, p. 125, 2003b, p. 318), **berian** (Faria, 1994b, p. 67), **bersír** (Faria, 2003b, p. 318), **berteger** (*MLH* III 1, p. 217), **berti** (Faria, 1994b, p. 69, 1997, p. 110, 2004a, p. 304), **bosberiu** (Faria, 2004a, p. 281) e **ordinber** (Asensio, Miró, Sanmartí e Velaza, 2003 [2004], p. 201). Também a existência do NL *Elimberrum* (It. Ant.) e *Eliumberrum* (Mela, 3.2) (Schuchardt, 1907, p. 71; Quintanilla, 1998, p. 249; Silgo, 1998-1999, p. 24), que parece reportar-se a **ildunber*, cauciona a bondade de tal associação. Os NNP compostos por **ber** são bem mais abundantes do que os que apresentam **beri**: **alorberi** (*MLH* III 1, p. 217), **bericafs** (Faria, 1994b, p. 67, 1997, p. 110, 1998a, p. 237, 2004a, p. 304), **beriseti** (Rodríguez Ramos, 2002b [2003b], p. 258) e **berisoř** (Campmajo e Untermann, 1993, p. 511; Faria, 1997, p. 110, 2004a, p. 304).

Consignadas as razões que fomos aduzindo em prol da nova transliteração professada por Pérez Orozco, cumpre-nos alertar para o facto de poder ser esgrimido um número ainda maior de argumentos susceptíveis de se lhes opor:

1. A criação *ad hoc* de um signo para representar /be/, confundível com outro já existente, num momento em que, na mesma área geográfica, devia ser usual o recurso a um silabograma específico, passível de representar inequivocamente a mesma sequência de fonemas.

2. A improbabilidade de a emissão que documenta (parcialmente) a distinção entre o primeiro e o quinto signos ter sido a que marcou o início da ceca, já que é a predecessora imediata da que ostenta a legenda latina FLORENTIA, a última das produções da ceca em apreço (Orfila e Ripollès, 2004, p. 383), partilhando ambas o estilo e a tipologia. A emissão inaugural deverá ser a que exhibe a legenda tradicionalmente transliterada como **ildurir:Ceštín** (CNH 358:9), em razão do inigualável nível artístico que caracteriza a cabeça masculina reproduzida nos raros cunhos de anverso.

3. A aparente incorporação numa só inscrição monetária de signos pertencentes a distintos semi-silabários, já que não parece ser viável a inclusão do grafema de vibrante no sistema meridional.

4. A sistemática (e intencional?) indiferenciação dos dois signos acima citados, de mais a mais, com o <i> a tomar maioritariamente a forma do alegado <be>. O “<i> ortogonal” ocorre em ambas as posições pelo menos nos exemplares n.ºs 41, 89, 129, 147, 148, 149, 152, 154, 155, 156, 166, 167, 168, 171, 175, 176, 180, 191, 194, 195, 197, 204, 208, 211, 214, 216, 217, 218, 222, 228, 235, 251, 264, 267, 278, 279, 297 e 444. Em conformidade com a hipótese de Santiago Pérez, esta observação forçar-nos-ia a transliterar a dita legenda como **beldurber**. Por seu lado, a variante <i> **3** figura inscrita em ambas as posições nas legendas das moedas com os n.ºs 22, 26, 46, 57, 71, 382, 384 e 396. Deste modo, a única transliteração admissível para os primeiros cinco exemplares citados seria **ildurir**, enquanto nos veríamos na obrigação de ler as inscrições constantes dos últimos três exemplares como **ilduri**. É, pois, forçoso concluir que o cuidado posto na destriça entre ambos os signos foi apenas episódico, não tendo esta sido acautelada aquando da produção das outras emissões com legendas indígenas, nem sequer durante a elaboração dos restantes cunhos da mesma emissão (pertencem a esta última os exemplares n.ºs 129, 147-149, 152, 154-156, 166-168, 171, 175, 176, 180, 191, 194, 195, 197, 204, 208, 211, 214, 216, 217 e 218 do catálogo de Fuentes).

5. A completa ausência de testemunhos fidedignos de **ildur** (Faria, 1995a, p. 82, 2000a, p. 134), que contrasta significativamente com a apreciável frequência com que ocorre **ildur**.

6. A identificação de um só exemplar que documenta a totalidade dos signos componentes da legenda (abreviada) que, na sistematização de Fuentes Vázquez (2002, p. 279), leva o n.º 5.2. Trata-se da moeda n.º 424, na qual lemos **ildube**. Em contraposição a esta, há uma outra, catalogada com o n.º 444, cuja conservação também permite uma leitura integral da legenda de reverso; no entanto, em conformidade com a hipótese de Pérez Orozco, há que optar pela transliteração **beldube** em detrimento de **ildube**, atendendo ao facto de ostentar por duas vezes o “<i> ortogonal”.

7. A reduzida fiabilidade dos *comparanda* aduzidos — excepto **uisebártaś** (v. *supra*) — com vista a exemplificar a não-representação gráfica, nos textos ibéricos, de vibrante ante oclusiva bilabial em limite de composto (MLH III 1, p. 154 e n. 33, 192, e n. 203; Quintanilla, 1998, p. 169 e n. 10, 229, 233, n. 40).

8. A impossibilidade de ILIBERI (Fuentes, 2002, p. 280, legenda 9.1) conformar o resultado da adaptação à morfologia latina de **ildurber**, sendo certo que **ildurberi*, diversamente do que

deixa entrever Pérez Orozco (2005, p. 195), é forma que não se encontra atestada, circunstância que, de algum modo, reforça as reticências formuladas por Trask (1995, p. 218-219) a respeito de uma derivação de *berri* “novo” a partir de *ber* “(ele/o) mesmo, (ele/o) próprio”.

Em face destas objecções, e apesar dos atractivos que comporta, a transliteração proposta por Santiago Pérez Orozco deve ser encarada com a necessária precaução.

laurber̄ton. Placas de chumbo. Pico de los Ajos (Yátova, Valência). *MLH* III 2 F.20.1. .2, .3.

Já vimos por mais de uma vez que **ber̄ton** possui apenas um *comparandum* em CORMERTONIS (gen.) (Faria, 2000a, p. 136, 2003a, p. 324, 2004b, p. 183), atestado numa inscrição de Idanha-a-Velha. No entanto, este patronímico corresponde a um indivíduo cujo *cognomen* há que ler como AQVITVS (Ferreira, 2004, p. 107, n.º 86, 257, Est. XI, 21), e não como AQVIT[ANV]S (Lambrino, 1956, p. 39-40, n.º 13; Almeida, 1956, p. 169, n.º 43; Albertos, 1964, p. 241-242, 1983, p. 879; Abascal, 1994, p. 102, 282, 335; Faria, 2000a, p. 136; Vallejo Ruiz, 2005, p. 488, n. 191). Aquela leitura, no entanto, não coloca em causa a atribuição de CORMERTONIS (gen.) < **corber̄ton*/**corber̄ton* à onomástica ibérica (Faria, 2000a, p. 136). Não podemos, por conseguinte, vislumbrar nenhuma legitimidade na tentativa, ensaiada por Vallejo Ruiz (2005, p. 487-488), de atribuir o presente NP à onomástica gaulesa (assimilando esta última, indevidamente, à onomástica aquitana), com base na proposta de restituição de CORMERTONIS em **Cobmertonis*.

LONT(igi)/LVNT(igi)/OLONT(igi). Moedas. *Olontigi*. *CNH* 110:6-14.

Em alternativa às transcrições que figuram no início desta entrada, não cremos que possa ser descartável a eventualidade de, nas inscrições monetárias em apreço, estarmos perante LONTI(igi)/LVNTI(igi)/OLONTI(igi).

As variantes toponímicas não prefixadas serão naturalmente as mais antigas.

O único paralelo fidedigno que nos ocorre para a existência do prefixo O- em NNL pode ser encontrado em **Olaura*/**Olaurum* (Correa, 2005, p. 485 e n. 23) < ib. **o-laur*/**o-laur̄*. O presente NL poderá ser analisado de três maneiras, sem que possamos determinar qual delas é a adequada: **(O-)Lon-tigi*, **(O-)Lonti-gi* ou **(O-)Lonti-(ti)gi*. A variante do primeiro componente desprovida prefixo repete-se em LVNT<I>BELSAR (Sáenz de Buruaga e Sáenz de Urturi, 1994, p. 70; *HEp* 6, 4; Gorrochategui, 1995 [1997], p. 219-220; Faria, 1997, p. 108), NP que admite diversas segmentações, sendo LVNT<I>-BELS-AR a que se nos afigura a mais provável (Faria, 2003b, p. 321).

ocelacom. Moedas. **Ocela* (Medinaceli, Soria, ou arredores). *CNH* 289:1-2.

Que nos seja perdoada a insistência (Faria, 2005a, p. 282), mas fomos nós que, pela primeira vez, transliterámos correctamente a presente legenda monetária, que, até 2003, se transliterava como **ocalacom** (Faria, 2003a, p. 224-225). É um facto indesmentível que o texto de Rodríguez Ramos (2001-2002 [2003], p. 431-432) veio a lume largos meses depois do nosso (Faria, 2003a, p. 224-225).

Considerando que as referências bibliográficas recentemente aduzidas pela professora Blanca Prósper (2005, p. 296, n. 417) deixam entrever a possibilidade de que a ordem de publicação não tenha sido a que na realidade se verificou, a observância de um mínimo de rigor imporia que aos anos a que corresponde o vol. 20-21 da revista *Kalathos* (2001-2002) fosse acrescentado o ano — 2003 — em que, objectivamente, o mesmo foi editado. Evitar-se-iam deste modo alguns equívocos em que, inadvertidamente, outros autores já incorreram.

odaciiis. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). *CNH* 342:9.

Transliterado correctamente pela primeira vez, com algumas ressalvas, por De Hoz (1980, p. 314), **odac(i)is** (*CNH* 342:9), reproduzido na numária de *Obulco* em caracteres meridionais, é, com toda a probabilidade, um nome idêntico a ODACIS, gravado em latim nas moedas de **Beuipo/*Cantnipo* (*CNH* 133:3-4) (Faria, 1990-1991, p. 74, 81, 1992, p. 43, 1994a, p. 51, n.ºs 283, 287, 1995a, p. 84, 1996, p. 167, 1998a, p. 232, 1998d, p. 252, 2000a, p. 138, 2001a, p. 101, 2001b, p. 208-209, 2001c, p. 213, 2003b, p. 325, 2005, p. 170). Estamos igualmente em crer que Αὐδαξ (*Diod.* 33.21.1)/Αὐδακα (ac.) (App., *Hisp.* 74) constitui um Deckname latinizado (conquanto em escrita grega: Αὐδαξ/Αὐδαξ < **Audax*), criado a partir do NP turdetano *Odacis/odac(i)is* (Faria, 1992, p. 43), pelo que não tem qualquer cabimento a tentativa de usar este caso para justificar a monotongação de /aw/ (Vallejo Ruiz, 2005, p. 483, 562, 697; *contra*, Palomar Lapesa, 1957, p. 88-89, 137). Importa assinalar que a nossa convicção é de algum modo tributária da opinião manifestada por Longpérier (*apud* Heiss, 1870, p. 414), que postulava a (quanto a nós, improvável) identificação do indivíduo mencionado na numária de **Beuipo/*Cantnipo* com o assassino de Viriato.

saitabi. Moedas. **saitabi**/*Saetabi* (Xátiva, Valência). *CNH* 314:1, 2, 11.

Em divergência profunda com o que escreveu recentemente José Antonio Correa (2004 [2005], p. 18), não cremos que faça grande sentido preconizar a concorrência de dois nomes pertencentes à mesma língua — **saitabi** e **saiti** —, dotados da mesma base onomástica, com o propósito de designarem uma mesma cidade. Seria absurdo admitir que as emissões monetárias de **saitabi** corporizassem a expressão das dúvidas alegadamente sentidas durante mais de dois séculos pelas sucessivas autoridades locais sobre o NL que a cidade em causa devia adoptar definitivamente. Não foi com certeza por acaso que o professor Correa nem sequer tentou encontrar uma razão para o (suposto) fracasso da opção por **saiti**. Convirá não esquecer, além do mais, que o NL **saitabi** se documenta na numismática entre os séculos III e I a.C., sem solução de continuidade, passando a estar comprovado na epigrafia latina e nas fontes literárias a partir deste último século. Este facto indiscutível foi lamentavelmente omitido por quem escreveu que “[l]as leyendas mencionan el nombre de la ciudad en ibérico *s.a.i.ti* y sólo al final se introduce la leyenda latina *Saetabi* en una emisión bilingüe” (*TIRJ*-30, p. 282).

Assim sendo, sem prejuízo das dificuldades apontadas por Correa, a interpretação de **saiti** como abreviação de **saitabi** (Gil Farrés, 1956, p. 36, 40; Untermann, 1983, p. 797; Faria, 1991a, p. 17, 1995a, p. 82, 2002a, p. 134) afigura-se-nos de longe mais razoável do que o entendimento daquela primeira forma como ensaio toponímico gorado (por falta de originalidade?).

tegiailcos. Moedas. Ceca indeterminada. *CNH* 354:1-2.

Sem enveredarmos pela análise deste NP, evidentemente tributária da respectiva adscrição linguística, deixamos aqui, para informação de quem a parece desconhecer — é o caso de B. Prósper (2005, p. 261 e n. 313) —, uma lista de trabalhos que veicularam a transliteração em apreço: Schmoll, 1966, p. 190, 191, n. 3; Faria, 1990-1991, p. 74, 81, 1991a, p. 18, 1994a, p. 54, n.º 360, 1996, p. 173.

BIBLIOGRAFIA

- ABASCAL, J. M. (1994) - *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Madrid: Universidad Complutense; Murcia: Universidad.
- ALBERTOS, M.ª L. (1964) - Nuevos antropónimos hispánicos. *Emerita*. Madrid. 32, p. 209-252.
- ALBERTOS, M.ª L. (1966) - *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*. Salamanca: Universidad.
- ALBERTOS, M.ª L. (1983) - Onomastique personnelle indigène de la Péninsule Ibérique sous la domination romaine. In TEMPORINI, H.; HAASE, W., eds. - *Aufstieg und Niedergang der römische Welt*, II.29.2. Berlin-New York: Walter de Gruyter, p. 853-889.
- ALMEIDA, F. de (1956) - *Egitânia: história e arqueologia*. Lisboa: Universidade.
- ARÉVALO GONZÁLEZ, A. (1998) - Las acuñaciones ibéricas meridionales, turdetanas y de Salacia en la Hispania Ulterior. In ALFARO ASINS, C. [et al.] - *Historia monetaria de Hispania antigua*. Madrid: Jesús Vico, p. 194-232.
- ARTEAGA, O.; CORREA, J. A. (1994) - Inscripción vascular indígena hallada en Obulco (Porcuna, Jaén) y su contexto arqueológico. In MANGAS, J.; ALVAR, J., eds. - *Homenaje a José Mª Blázquez*. 2. Madrid: Ediciones Clásicas, p. 45-58.
- ASENSIO, D.; MIRÓ, M.; SANMARTÍ, J.; VELAZA, J. (2003) [2004] - Inscripción ibérica sobre plomo procedente de Castellet de Banyoles (Tivissa). *Palaeohispanica*. Zaragoza. 3, p. 195-204.
- BELTRÁN LLORIS, F. (2000) - Epigrafía latina de la Bética: las inscripciones del convento jurídico astigitano. *Journal of Roman Archaeology*. Portsmouth, RI. 13, p. 635-647.
- BILLY, P.-H. (2004) - Notes de lecture. *Nouvelle Revue d'Onomastique*. Paris. 43-44, p. 285-286.
- CAMPMAJÓ, P.; UNTERMANN, J. (1993) - Les influences ibériques dans la Haute Montagne Catalane: le cas de la Cerdagne. In UNTERMANN, J.; VILLAR, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana. Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de Noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, p. 499-520.
- CIL II²/5 = STYLOW, A. U. [et al.] (1998) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II. Editio altera. Pars V: conuentus Astigitanus (CIL II²/5)*. Berlin-New York: Walter de Gruyter.
- CILA 6 = GONZÁLEZ ROMÁN, C.; MANGAS MANJARRÉS, J. (1991) - *Corpus de inscripciones latinas de Andalucía III: Jaén. Tomo I*. Sevilla: Junta de Andalucía.
- CNH = VILLARONGA, L. (1994) - *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A.
- COROMINES, J. (1995) - *Onomasticon Cataloniae: els noms de lloc i noms de persona de totes les terres de llengua catalana, IV: D-J*. Barcelona: Curial Edicions-Caixa d'Estalvis i Pensions de Barcelona.
- CORREA, J. A. (1992) - Representación gráfica de la oposición de sonoridad en las oclusivas ibéricas (semisilabario levantino). *AION*. Napoli. 14, p. 253-291.
- CORREA, J. A. (1993) - Antropónimos galos y ligures en inscripciones ibéricas. In ADIEGO, I.-J.; SILES, J.; VELAZA, J., eds. - *Studia palaeohispanica et indogermanica J. Untermann ab amicis hispanicis oblata*. Barcelona: Universitat, p. 101-116.
- CORREA, J. A. (1994) - El topónimo Ilipa (Alcalá del Río, Sevilla). In SÁEZ, P.; ORDÓÑEZ, S., eds. - *Homenaje al Profesor Presedo*. Sevilla: Universidad, p. 333-340.
- CORREA, J. A. (2004) [2005] - Leyenda monetar y toponimia. In CHAVES TRISTÁN, F.; GARCÍA FERNÁNDEZ, F. J., eds. - *Moneta qua scripta. La moneda como soporte de escritura: actas del III Encuentro Peninsular de Numismática Antigua, Osuna (Sevilla) febrero-marzo 2003*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Sevilla: Universidad - Fundación El Monte, p. 15-23.
- CORREA, J. A. (2005) - Aféresis en topónimos latinos hispánicos. In KISS, S.; MONDIN, L.; SALVI, G., eds. - *Latin et les langues romanes. Études de linguistique offertes à József Herman à l'occasion de son 80^{ème} anniversaire*. Tübingen: Niemeyer, p. 481-489.
- FARIA, A. M. de (1990-1991) - Antropónimos em inscrições hispânicas meridionais. *Portugalia*. Porto. Nova série. 11-12, p. 73-88.
- FARIA, A. M. de (1991a) - Epigrafía monetária meridional. *Conimbriga*. Coimbra. 30, p. 13-22.
- FARIA, A. M. de (1991b) - [Recensão de] UNTERMANN, J., *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*, Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990, 339 + 661 pp. *Conimbriga*. Coimbra, 30, p. 187-197.
- FARIA, A. M. de (1992) - Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal. *Vipasca*. Aljustrel. 1, p. 39-48.
- FARIA, A. M. de (1992-1993) - Notas a algumas inscrições ibéricas recentemente publicadas. *Portugalia*. Porto. Nova série. 13-14, p. 277-279.
- FARIA, A. M. de (1993) - A propósito do V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica. *Penélope*. Lisboa. 12, p. 145-161.
- FARIA, A. M. de (1994a) - Nomes de magistrados em moedas hispânicas. *Portugalia*. Porto. Nova série. 15, p. 33-60.
- FARIA, A. M. de (1994b) - Subsídios para o estudo da antroponímia ibérica. *Vipasca*. Aljustrel. 3, p. 65-71.
- FARIA, A. M. de (1994c) - [Recensão de] Leandre VILLARONGA, *Corpus Nummum Hispaniae ante Augusti Aetatem*, Madrid, José A. Herrero, S. A., 1994, XXII + 519 pp. *Vipasca*. Aljustrel. 3, p. 121-124.
- FARIA, A. M. de (1995a) - Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana. *Vipasca*. Aljustrel. 4, p. 79-88.

- FARIA, A. M. de (1995b) - Algunas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Porto. Nova série. 16, p. 323-330.
- FARIA, A. M. de (1996) - Nomes de magistrados em moedas hispánicas: correções e aditamentos. *Conimbriga*. Coimbra. 35, p. 149-187.
- FARIA, A. M. de (1997) - Apontamentos sobre onomástica paleo-hispánica. *Vipasca*. Aljustrel. 6, p. 105-114.
- FARIA, A. M. de (1998a) - [Recensão de] QUINTANILLA, Alberto - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, 1998. 325 p. (Veleia: Revista de Prehistoria, Historia Antigua, Arqueología y Filologías Clásicas. Anejos. Serie Minor; 11). ISBN 84-8373-041-3. *Revista Portuguesa de Arqueología*. Lisboa. 1:2, p. 232-240.
- FARIA, A. M. de (1998b) - [Recensão de] SILGO GAUCHE, L. (1994), *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, 1994, 271 p. *Revista Portuguesa de Arqueología*. Lisboa. 1:1, p. 228-234.
- FARIA, A. M. de (1998c) - [Recensão de] Javier VELAZA FRÍAS, *Epigrafía y lengua ibéricas* [Cuadernos de Historia; 16], Madrid: Arco Libros, S. L., 1996, 69 pp. *Conimbriga*. Coimbra. 37, 1998, p. 267-271.
- FARIA, A. M. de (1998d) - [Recensão de] ALFARO, C.; ARÉVALO, A.; CAMPO, M.; CHAVES, F.; DOMÍNGUEZ, A.; RIPOLLÈS, P. P. - *Historia monetaria de Hispania antigua*. Madrid: Jesús Vico, S.A. Editores, 1998. 441 p. ISBN 84-8571117-3. *Revista Portuguesa de Arqueología*. Lisboa. 1:2, p. 241-256.
- FARIA, A. M. de (1999) - Novas notas de onomástica hispánica pré-romana. *Revista Portuguesa de Arqueología*. Lisboa. 2:1, p. 153-161.
- FARIA, A. M. de (2000a) - Onomástica paleo-hispánica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueología*. Lisboa. 3:1, p. 121-151.
- FARIA, A. M. de (2000b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (1). *Revista Portuguesa de Arqueología*. Lisboa. 3:2, p. 61-66.
- FARIA, A. M. de (2001a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (2). *Revista Portuguesa de Arqueología*. Lisboa. 4:1, p. 95-107.
- FARIA, A. M. de (2001b) - [Recensão de] ARÉVALO GONZÁLEZ, A. - *La ciudad de Obulco: sus emisiones monetales*. Sigüenza: Librería Rayuela, 1999. 362 p. LX Estampas. ISBN 84-86711-08-8. *Revista Portuguesa de Arqueología*. Lisboa. 4:1, p. 206-212.
- FARIA, A. M. de (2001c) - [Recensão de] RIPOLLÈS, P. P.; ABASCAL, J. M. - *Monedas hispánicas: catálogo del Gabinete de Antigüedades*. Madrid: Real Academia de la Historia, 2000 464 p. ISBN 84-89512-67-1. *Revista Portuguesa de Arqueología*. Lisboa. 4:1, p. 213-216.
- FARIA, A. M. de (2002a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (3). *Revista Portuguesa de Arqueología*. Lisboa. 5:1, p. 121-146.
- FARIA, A. M. de (2002b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (4). *Revista Portuguesa de Arqueología*. Lisboa. 5:2, p. 233-244.
- FARIA, A. M. de (2003a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (5). *Revista Portuguesa de Arqueología*. Lisboa. 6:1, p. 211-234.
- FARIA, A. M. de (2003b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (6). *Revista Portuguesa de Arqueología*. Lisboa. 6:2, p. 313-334.
- FARIA, A. M. de (2004a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (7): trezentas e cinquenta observações a Jesús Rodríguez Ramos. *Revista Portuguesa de Arqueología*. Lisboa. 7:1, p. 273-315.
- FARIA, A. M. de (2004b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (8). *Revista Portuguesa de Arqueología*. Lisboa. 7:2, p. 175-192.
- FARIA, A. M. de (2005) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (9). *Revista Portuguesa de Arqueología*. Lisboa. 8:1, p. 163-175.
- FARIA, A. M. de (2005) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (10). *Revista Portuguesa de Arqueología*. Lisboa. 8:2, p. 273-292.
- FERREIRA, A. P. R. (2004) - *Epigrafía funerária romana da Beira Interior: inovação ou continuidade?* Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 34).
- FUENTES VÁZQUEZ, T. (2002) - *La ceca ibero-romana de Iliberri*. Granada. Maracena (Granada): Ediciones Virtual.
- GALMÉS DE FUENTES, A. (2000) - *Los topónimos: sus blasones y trofeos (la toponimia mítica)*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- GIL FARRÉS, O. (1956) - Consideraciones sobre los epígrafes monetarios en caracteres ibéricos. *Numario Hispánico*. Madrid. 5:9, p. 5-46.
- GORROCHATEGUI, J. (1984a) - *Estudio sobre la onomástica indígena de Aquitania*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- GORROCHATEGUI, J. (1984b) - Acerca de *Helasse*, teónimo indígena atestiguado en Miñano Mayor (Álava). *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 1, p. 261-265.
- GORROCHATEGUI, J. (1995) [1997] - Los Pirineos entre Galia e Hispania: las lenguas. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 12, p. 181-234.
- HEISS, A. (1870) - *Description générale des monnaies antiques de l'Espagne*. Paris: Imprimerie Nationale.
- HEp* = *Hispania Epigraphica*. Madrid: Universidad Complutense.
- DE HOZ, J. (1980) - Crónica de lingüística y epigrafía prerromanas de la Península Ibérica: 1979. *Zephyrus*. Salamanca. 30-31, p. 299-323.
- DE HOZ, J. (1989) - El desarrollo de la escritura y las lenguas de la zona meridional. In AUBET, M.^a E., ed. - *Tartessos: arqueología protohistórica del Bajo Guadalquivir*. Sabadell: AUSA, p. 523-587.
- DE HOZ, J. (2002a) - El complejo sufijal *-(e)sken* de la lengua ibérica. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 2, p. 159-168.
- DE HOZ, J. (2002b) - La leyenda monetar *ikalesken* (MLH A.95). In *Actas del X Congreso Nacional de Numismática* (Albacete, del 28 al 31 de octubre de 1998). Madrid: Museo Casa de la Moneda, p. 212-219.
- IRC II = FABRE, G.; MAYER, M.; RODÀ, I. (1985) - *Inscriptions romaines de Catalogne II. Lérida*. Paris: De Boccard.
- IRC V = FABRE, G.; MAYER, M.; RODÀ, I. (2002) - *Inscriptions romaines de Catalogne V. Suppléments aux volumes I-IV et instrumentum domesticum*. Paris: De Boccard.
- JORDÁN, C. (2004) - *Celtibérico*. Zaragoza: Universidad.

- JORDÁN, C. (2004) [2005] - *Chronica epigraphica celtiberica* III. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 4, p. 285-323.
- LAKARRA, J. (1995) - Reconstructing the Pre-Proto-Basque root. In HUALDE, J. I.; LAKARRA, J. A.; TRASK, R. L., eds. - *Towards a History of the Basque Language*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, p. 189-206.
- LAMBRINO, S. (1956) - Les inscriptions latines inédites du Musée Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Nova série. 3, p. 5-73.
- MICHELENA, L. (1954/1985) - De onomástica aquitana. *Pirineos*. Jaca. p. 409-455 [= *Lengua e Historia*. Madrid: Paraninfo, p. 409-445].
- MICHELENA, L. (1997⁵) - *Apellidos vascos*. 5.ª ed. (1953¹). San Sebastián: Txertoa.
- MLHII = UNTERMANN, J. (1980) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band II: Die Inschriften in iberischer Schrift aus Südf frankreich*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLHIII 1 = UNTERMANN, J. (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: Die iberischen Inschriften aus Spanien. 1. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLHIII 2 = UNTERMANN, J. (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: Die iberischen Inschriften aus Spanien. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MORET, P. (1996) - Le nom de Toulouse. *Pallas*. Toulouse. 44, p. 7-23.
- NIETO BALLESTER, E. (1997) - *Breve diccionario de topónimos españoles*. Madrid: Alianza.
- ORDUÑA AZNAR, E. (2003) [2004] - Sobre dos posibles topónimos en un plomo ibérico del Camp de Morvedre. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 3, p. 137-139.
- ORFILA, M.; RIPOLLÈS, P. P. (2004) - La emisión con leyenda *Florentia* y el tesoro del Albaicín. *Florentia Iliberritana*. Granada. 15, p. 367-388.
- ORPUSTAN, J.-B. (1999) - *La langue basque au Moyen Age (IX^e-XV^e siècles)*. Baigorri: Izpegi.
- PALOMAR LAPESA, M. (1957) - *La onomástica personal pre-latina de la antigua Lusitania*. Salamanca: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- PÉREZ ALMOGUERA, A. (2001) - *iltif/iltur = oppidum*. Los nombres de lugar y la ciudad en el mundo ibérico. *Faventia*. Barcelona. 23:1, p. 21-40.
- PÉREZ OROZCO, S. (1993) - Observaciones sobre los sufijos ibéricos. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 63, p. 221-229.
- PETERSON, D. (2004) - Primeras referencias a Guipúzcoa. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 97, p. 597-608.
- PRÓSPER, B. (2005) - Estudios sobre la fonética y la morfología de la lengua celtibérica. In VILLAR, F.; PRÓSPER, B. - *Vascos, Celtas e Indoeuropeos: genes y lenguas*. Salamanca: Universidad, p. 153-364.
- QUINTANILLA, A. (1998) - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco (Veleia: Revista de Prehistoria, Historia Antigua, Arqueología y Filologías Clásicas. Anejos. Serie Minor; 11).
- RIPOLLÈS, P. P. (2003) - *Sylloge Nummorum Graecorum Sweden II. The Collection of the Royal Coin Cabinet, National Museum of Economy, Stockholm. Part 6: the G. D. Lorichs Collection*. Stockholm: The Royal Academy of Letters History and Antiquities.
- RIPOLLÈS, P. P. (2005) - *Monedas hispánicas de la Bibliothèque Nationale de France*. Madrid: Real Academia de la Historia; Paris: Bibliothèque National de France (Bibliotheca Numismatica Hispana; 1).
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (1995) - *Breve manual de epigrafía ibérica*. Barcelona: Societat Catalana d'Arqueologia.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002) - La hipótesis del vascoiberismo desde el punto de vista de la epigrafía ibera. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 90, p. 197-217.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2001-2002) [2003] - Okelakom, Sekeida, Bolsken. *Kalathos*. Teruel. 20-21, p. 429-434.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002a) [2003a] - Problemas y cuestiones metodológicas en la identificación de los compuestos de tipo onomástico de la lengua ibera. *Arse*. Sagunto. 36, p. 15-50.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002b) [2003b] - Índice crítico de formantes de compuesto de tipo onomástico en la lengua ibera. *Cypselá*. Girona. 14, p. 251-275.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002-2003) [2005] - ¿Existe el doble sufijo de "genitivo" -ar-en en la lengua ibera?. *Quaderns de Prehistòria i Arqueologia de Castelló*. Castelló. 23, p. 251-255.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2005) - Respuesta a las acusaciones hechas por António Marques de Faria contra mi artículo publicado en *Faventia* 23/1. *Faventia*. Barcelona. 26:2, p. 157-162.
- SÁENZ DE BURUAGA, A.; SÁENZ DE URTURI, P. (1994) - La epigrafía romana de San Román de San Millán (Álava). *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 11, p. 49-82.
- SCHMOLL, U. (1966) - Althispanische Miscellen II. *Zeitschrift für Vergleichende Sprachforschung auf dem Gebiete der Indogermanische Sprachen*. Göttingen. 80, p. 182-198.
- SCHUCHARDT, H. (1907) - Die iberische Deklination. *Sitzungsberichte der Wiener Akademie der Wissenschaften, Philologisch-historische Klasse*. Wien. 157:2, p. 1-90.
- SILES, J. (1985) - *Léxico de inscripciones ibéricas*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- SILGO, L. (1992) - *Textos ibéricos valencianos (Contestania, Edetania, Ilercavonia)*. Tese policopiada. Valencia: Universidad.
- SILGO, L. (1994) - *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana.

- SILGO, L. (1998-1999) - Ibérico **ilti**, **iltu** y derivados. *Arse*. Sagunto. 32-33, p. 11-45.
- SOLIER, Y. (1979) - Découverte d'inscriptions sur plombs en écriture ibérique dans un entrepôt de Pech Maho (Sigean). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 12, p. 55-123.
- TIR, J-30 = *TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja J-30: Valencia. Sobre la base cartográfica a escala 1:1.000.000 del IGN. Corduba, Hispalis, Carthago Nova, Astigi*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Fomento-Ministerio de Ciencia y Tecnología-Ministerio de Educación y Cultura, 2000 [2002].
- TOLOSA LEAL, A. (2000) - Sobre formas verbales ibéricas en *-in*. In *Estudios varios*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana (Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas - E.L.E.A.; 3), p. 143-147.
- TOVAR, A. (1989) - *Iberische Landeskunde, II. 3. Tarraconensis*. Baden-Baden: Valentin Koerner.
- TRASK, R. L. (1995) - History of the non-finite verb forms. In HUALDE, J. I.; LAKARRA, J. A.; TRASK, R. L., eds. - *Towards a History of the Basque Language*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, p. 207-234.
- TRASK, R. L. (1997) - *The History of Basque*. London-New York: Routledge.
- UNTERMANN, J. (1976) - Pompaelo. *Beiträge zur Namenforschung*. Heidelberg. Neue Folge. 11, p. 121-135.
- UNTERMANN, J. (1983) - Die althispanischen Sprachen. In TEMPORINI, H.; HAASE, W., eds. - *Aufstieg und Niedergang der römische Welt, II.29.2*. Berlin-New York: Walter de Gruyter, p. 791-818.
- UNTERMANN, J. (1996) - Onomástica. In BELTRÁN, F.; DE HOZ, J.; UNTERMANN, J., eds. - *El tercer bronce de Botorrita*. Zaragoza: Departamento de Educación y Cultura, Diputación General de Aragón (Colección Arqueología; 19), p. 109-166.
- UNTERMANN, J. (2002) - Lengua ibérica y leyendas monetales. In *Actas del X Congreso Nacional de Numismática (Albacete, del 28 al 31 de octubre de 1998)*. Madrid: Museo Casa de la Moneda, p. 97-106.
- VALLEJO RUIZ, J. M.^a (2005) - *Antroponimia indígena de la Lusitania romana*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- VELAZA, J. (1991) - *Léxico de inscripciones ibéricas (1976-1989)*. Barcelona: Universitat (Aurea Saecula; 4).
- VELAZA, J. (1992) - Βασπεδ- sur le plomb grec d'Emporion: un anthroponyme ibérique? *Beiträge zur Namenforschung*. Heidelberg. Neue Folge. 27:3-4, p. 264-267.
- VILLAR, F. (2000) - *Indoeuropeos y no indoeuropeos en la Hispania Prerromana: las poblaciones y las lenguas prerromanas de Andalucía, Cataluña y Aragón según la información que nos proporciona la toponimia*. Salamanca: Universidad.
- VILLAR, F. (2005) - Indoeuropeos y euskaldunes en el País Vasco y Navarra. Genes, lenguas y topónimos. In VILLAR, F.; PRÓSPER, B. - *Vascos, Celtas e Indoeuropeos: genes y lenguas*. Salamanca: Universidad, p. 365-514.
- VILLAR, F.; JORDÁN, C. (2001) - Consideraciones generales sobre el contenido del IV Bronce de Botorrita. In VILLAR, F.; DÍAZ, M.^a A.; MEDRANO, M. M.^a; JORDÁN, C. - *El IV Bronce de Botorrita (Contrebia Belaisca): arqueología y lingüística*. Salamanca: Universidad, p. 133-153.